

ENSINANDO UM ALUNO COM O TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO PELA PRIMEIRA VEZ

Igo Delanio Bezerra de Medeiros

*Universidade do Estado do Rio Grande do Norte- UERN
igodelanio@hotmail.com*

Resumo:

Diante as diversas complexidades encontradas no processo de aprendizagem e prática de ensino, não imagina enfrentar o desafio de ensinar um aluno com o transtorno do espectro do autismo logo no Estágio Supervisionado, logo na fase de observação notamos que uma criança não desenvolvia as tarefas em sala de aulas como as outras. Tratava-se de um aluno autista. Este estudo é fruto das experiências vivenciadas na disciplina Prática de Ensino I, do curso de Letras – Português da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Campus Avançado de Assú/RN. A pesquisa foi desenvolvida a partir do referencial teórico que trata sobre as narrativas (auto)biográficas, postulados por: Ferrarotti (1988); Josso (2004); Clandinin e Connelly (2011). Tendo ainda as contribuições de: Pimenta; Lima (2005/2006); Freire (2012); Assumpção Jr (2007); Leboyer (1995) e Watson (2008). Descobrir como trabalhar com uma criança autista foi de grande significado, apesar dos compromissos em cumprir toda carga horário obrigadora que a disciplina exigia, esse fato foi a gatilho que despertou a necessidade de inferir reflexões importantes no campo da Educação Especial, sobretudo diante das disciplina de Língua Portuguesa e seus estudos literários. A aprendizagem foi uma conquista, especialmente para mim, que por meio deste artigo, busco relatar as vivencias de ensinar um aluno com autismo.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado. Língua Portuguesa. Educação Especial

1 INTRODUÇÃO

O Estágio Supervisionado é um momento significativo na vida do discente que faz uma licenciatura, visto ser a oportunidade de colocar em prática, de forma mais abrangente, a formação adquirida ao logo da graduação, gerando convicções, no sentido que o ato de ensinar transforma o que aprende e o que ensina, apesar de todas as dificuldades inerentes estabelecidas no mundo escolar, sobretudo na rede pública de ensino.

Para isso, fez-se necessário relatar a experiência vivenciada no cotidiano escolar, especificamente o período de observação, planejamento e regência. Delimitando-se ao relato (auto)biográfico, como afirmação do processo teórico/prático do ensino/aprendizagem da disciplina Prática de Ensino I no 6º período do curso de Letras – Língua Portuguesa, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Campus de Assú/RN. O estágio foi realizado em uma escola pública do municipal de Ensino Fundamental do 6º ao 9º ano na cidade de Assú/RN.

Diante as diversas complexidades encontradas nesse processo de aprendizagem e prática de ensino, visto que foram observadas 4 turmas, uma de cada ano, sendo necessário para o período de planejamento e regência muita dedicação e criatividade, principalmente no 6º ano, quando ainda na fase de observação notamos que uma criança não desenvolvia as tarefas em sala de aulas como as outras.

Inicialmente, por ainda está em período de observação, as anotações foram realizadas levando em consideração o comportamento da criança e o tratamento dado a ela pelos seus colegas de sala e por sua professora. O menino recebia todas as atividades, abria o livro didático e o caderno, mas não escrevia nada, apenas desenhava. Uma colega que sentava-se a sua frente ajudava a achar a página do livro.

Para compor a carga horária foi necessário observar aulas de outras disciplinas, como História e Matemática. O professor de História em dado momento da aula, dirigiu-se ao menino e o orientou na atividade que estava sendo realizada, após isso, explicou sua situação, informando que ele era especial, mas não havia nenhuma orientação e/ou capacitação por parte da escola para desenvolver uma atividade específica em sala de aula com ele. No entanto, o professor ao observar a habilidade de desenhar que ele tinha, sempre solicitava que desenhasse algo relacionado com a aula que estava sendo ministrada.

Perante essa observação, todo trabalho de planejamento e regência foi também pensado naquela criança, oportunizando ao aluno autista o acompanhamento de tudo que seria ensinado a toda turma, de modo particular, para que ele pudesse desenvolver o assunto trabalhado junto a todos da sala.

Oportunidade também concedida a mim, de poder refletir sobre a Educação Especial, sobretudo pelo fato de ser pai de uma criança com deficiência também, a identificação com a situação foi inspiradora, e junto com os professores orientadores desenvolvemos um trabalho específico que se tornou referência na disciplina de estágio supervisionado.

2 METODOLOGIA

Para desenvolver a pesquisa de modo a contemplar toda a significância do objeto a ser estudado, entendemos que a narrativa (auto)biográfica apreciaria com maior riqueza de detalhes e objetividade o que foi vivenciado. Enquanto método de investigação, as pesquisas autobiográficas ganham espaço e quebram paradigmas, sem deixar de lado o rigor científico que uma pesquisa requer.

As análises realizadas não são apenas de simples acontecimentos da vida, mas das relações estabelecidas entre o eu e o outro, de modo que as estruturas e as singularidades são reveladas dinamicamente através desse conhecimento da pessoa e o do mundo. Os contextos e dimensões pessoais constroem historicamente o indivíduo na sua personalidade, nas interações com o outro e com o mundo, considerando que:

todas as narrações autobiográficas relatam, segundo um corte horizontal ou vertical, uma praxis humana. [...] toda a praxis humana individual é actividade sintética, **totalização activa de todo um contexto social. Uma vida é uma praxis que se apropria das relações sociais** (as estruturas sociais), **interiorizando-as e voltando a traduzi-las em estruturas psicológicas, por meio da sua actividade desestruturante-reestruturante.** Toda a vida humana se revela, até nos seus aspectos menos generalizáveis, como a síntese vertical de uma história social. Todo o comportamento ou acto individual nos parece, até nas formas mais únicas, a síntese horizontal de uma estrutura social. (FERRAROTTI, 1988, p. 26, grifo do autor).

Isso significa dizer que as ações do sujeito são vistas como experiência e representação de seu mundo e essa análise da realidade serve de subsídio para produção de conhecimento relativo a vida e à prática social. Logo, as pesquisas com narrativas autobiográficas tem uma finalidade essencial, o de dar voz ao sujeito da pesquisa a partir de suas experiências pessoais que caracteriza-se:

[...] como um projeto a ser construído no decorrer de uma vida, cuja atualização consciente passa, em primeiro lugar, pelo projeto de conhecimento daquilo que somos, pensamos, fazemos, valorizamos e desejamos na nossa relação conosco, com os outros e com o ambiente humano e natural. (JOSSO, 2004, p. 59).

Nesse sentido, as narrativas são eficientes para tornar visível as mais intrínsecas realizações do sujeito de conhecimento e de autoconhecimento, potencializando a narrativa de si como método de pesquisa, e ao mesmo tempo de descoberta e autodescoberta, realizando assim um processo formador do indivíduo como todo.

Esse método serviu perfeitamente para o desenvolvimento desta pesquisa, tendo em vista que a motivação foi gerada a partir de uma situação inesperada, pois nas aulas preparatórias para a parte prática do Estágio Supervisionado, a temática da inclusão pouco foi abordada. Com isso, nasce a necessidade de descrever a experiência, que por meio da pesquisa (auto)biográfica, pode ser contemplada

amplamente, com a vivência não só do aluno/estagiário em formação, mas, e, principalmente, do aluno com deficiência numa escola pública com todas as precariedades que o sistema público de ensino do país, em sua esmagadora maioria, é desenvolvido. Essa experiência formadora foi uma grande oportunidade, uma vez que:

[...] a formação experiencial designa a atividade consciente de um sujeito que efetua uma aprendizagem imprevista ou voluntária em termos de competências existenciais (somáticas, afetivas, conscientes), instrumentais ou pragmáticas, explicativas ou compreensivas na ocasião de um acontecimento, de uma situação, de uma atividade que coloca o aprendente em interações consigo mesmo, com os outros, com o meio natural ou com as coisas, num ou em vários registros. (JOSSO, 2004, p. 55).

Assim, essa experiência formadora diz respeito a vivência que marcar a vida de cada pessoa e que transforma enquanto indivíduo participante de um meio social. A teoria pode contribuir para o aprendizado específico, no entanto, a experiência prática oportuniza um conhecimento que agrega valores a serem re-significados em todo campo científico das vivências em sala de aula.

A pesquisa narrativa deve ser entendida como uma forma de compreender a experiência humana. Trata-se de um estudo de histórias vividas e contadas, pois “uma verdadeira pesquisa narrativa é um processo dinâmico de viver e contar histórias, e reviver e recontar histórias, não somente aquelas que os participantes contam, mas aquelas também dos pesquisadores” (CLANDININ e CONNELLY, 2011, p.18). Para Clandinin e Connelly “existe uma linha muito sutil entre a escrita autobiográfica utilizada como textos de campo e a escrita utilizada como textos de pesquisa” (2011, p.144), portanto a escrita autobiografia pode ser utilizada de diferentes formas. Assim, o cuidado é redobrado para que o rigor não seja deixado de lado e a pesquisa torne-se outro texto de outro gênero.

3 RESULTADO E DISCURSÕES

Este estudo é fruto das experiências vivenciadas na disciplina Prática de Ensino I, do curso de Letras – Português da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Campus Avançado de Assú/RN. Assim, faz-se necessário inferir a importância desta disciplina na vida de um estudante de licenciatura.

3.1 A importância do estágio na licenciatura

A construção de conhecimento adquirida ao longo de uma licenciatura faz-se necessário ser colocada em prática. É neste importante momento que os conceitos tomam vida, que a teoria se evidencia e que a realidade apresenta-se, mesmo que desmitificando o que a letra diz em alguns aspectos, como a idealização de uma escola pública de qualidade, conceito que em muitos lugares ainda é bastante incongruente.

O Estágio Supervisionado permite ao estudante reflexão sobre o que está presenciando, desde o início, período de observação ao final quando suas ideias e anotações são colocadas em práticas. Essa oportunidade reflete na formação acadêmica, proporcionando ao aluno em período de estágio, a perspectiva de que se torne, também, um professor pesquisador.

Nesse viés,

é importante desenvolver nos alunos, futuros professores, habilidades para o conhecimento e análise das escolas, espaço institucional, onde ocorre o ensino e a aprendizagem. Envolve, também, o conhecimento, a utilização e a avaliação de técnicas, métodos e estratégias de ensinar em situações diversas. Envolve habilidade de leitura e reconhecimento das teorias presentes nas práticas pedagógicas das instituições. O estágio, assim realizado, permite que se traga contribuição de pesquisas e o desenvolvimento das habilidades de pesquisar (PIMENTA; LIMA, 2005/2006, p.20).

A prática de ensino não pode ser resumida apenas ao cumprimento de uma disciplina para cumprimento de carga horária e nota. A importância transcende a grade curricular do curso, apesar de ser possibilitada por este curso. O ato de aprender para ensinar tem caráter de transformação social, na perspectiva de pesquisar para descobrir e poder contribuir ao ensinar.

Freire também trata dessa relação de professor e pesquisa, afirmando que:

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses fazeres se encontram um no outro (...). Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (FREIRE, 2012, p.30).

Nesse sentido, constata-se a importância do processo de formação e atuação, possibilitando novas leituras e aprendizado para o professor-estagiário, neste caso. A atuação

no processo foi enriquecida pela presença de um aluno com deficiente, presente em uma das turmas onde o estágio foi realizado.

3.2 Transtorno do espectro do autismo

Afinal o que é o transtorno do espectro do autismo? De acordo com Assumpção Jr (2007) e Leboyer (1995), foi a partir das definições de Leo Kanner em 1943, que houve a primeira conceituação do autismo, como uma síndrome psicótica, relacionada a fenômenos da linha esquizofrênica. Este descreveu sob o nome distúrbios autísticos do contato afetivo, um quadro caracterizado por autismo extremo, comportamentos do tipo obsessivo com tendência a mesmice, movimentos estereotipados e ecolalia, repetição involuntária de palavras ou frases que ouviu caracterizada por alterações de linguagem, representadas pela ausência de finalidade comunicativa.

Algumas dessas características puderam ser observadas no aluno que acompanhamos na fase de regência do estágio. Em diversos momentos da aula, ele começa a abrir e fechar um bolso de sua mochila.

Ainda, conforme os autores, em 1944, Hans Asperger, descreveu sob o nome psicopatologia autística da infância, na qual as crianças são bastante semelhantes às descritas por Kanner, porém sem nenhum retardo no desenvolvimento da linguagem. Atribui-se tanto a Kanner quanto a Asperger o conceito do autismo.

Em uma entrevista a Trevisan (2003) o Dr. Simon Baron-Cohen, propôs uma nova teoria sobre o autismo. Ele sugeriu que, muitas pessoas com autismo sofriam de cegueira mental, isto é, a incapacidade de entender que as outras pessoas têm seus próprios pensamentos e emoções, com dificuldade em entender o ponto de vista, as ideias ou sentimentos alheios. É essa incapacidade de relacionar-se às diferenças na maneira de pensar dos outros, que resulta nas dificuldades sociais e comunicativas dos autistas.

3.3 O desafio de ensinar uma criança com autismo

Primeiramente, diante dos temores iniciais, diagnosticar que havia um aluno com deficiência na sala de aula não foi uma tarefa fácil, haja vista que não houve tempo para um reconhecimento prévio com o professor ministrante das aulas de Português da turma do 6º ano, e também, pelo fato de que o estágio não se daria

apenas nesta turma. A parte prática do Estágio Supervisionado foi realizado nas 4 series do Ensino Fundamental. No entanto, ainda na fase de observação, a presença de uma criança que comportava-se diferente das outras foi notada, mas não havia nenhum tratamento diferenciado pela professora da disciplina de Português.

Para cumprimento da carga horaria foi necessário acompanhar aulas de outras disciplinas, e numa aula de História o professor dirigiu-se ao menino com comportamento distinto dos demais e o orientou a fazer um desenho do assunto que estava sendo ministrado a turma: História das Américas. O aluno, prontamente, abriu seu caderno e começou a rabiscar, fazendo o desenho de um navio numa praia. O professor explicou que o estudante era “especial” e essa foi a forma que encontrou para ele participasse das aulas. O professor de História também informou que o aluno em questão não sabia ler. Outra dificuldade relatada foi que nem a escola nem a secretaria de educação municipal ofereciam capacitação para os professores em relação a Educação Especial.

Diante esse cenário, a preocupação foi inevitável, pois como é que esse aluno já está no 6º ano e ainda não foi alfabetizado? Restava fazer como a maioria e dar aula para toda turma e deixa-lo de lado, como se não existisse, ou além de todas as outras tarefas inerentes ao estágio, planejar e aplicar atividades diferenciadas para ele. Porém a decisão não foi difícil, o aluno carrega o nome de especial, e os olhos não podem ser fechados para esta causa.

Outra dificuldade era saber qual especificamente era a sua deficiência, visto que a maioria dos professora não sabiam, mas “desconfiavam” que ele era autista. Na busca por informação na direção da escola, constatamos que se tratava mesmo de um aluno com o transtorno do espectro do autismo, mas não havia laudo médico disponível, foi informação repassada pelos pais.

Seu comportamento era calmo, porém em alguns momentos da aula mostrava-se assustado. Quando isso acontecia sempre pegava sua mochila e ficava abrindo e fechando o zíper de um de seus bolsos. Não saia da sala no momento do intervalo, com ele sempre estava uma garrafa azul com água, quando secava, sua colega da frente descia até o bebedouro e a enchia novamente.

Todo planejamento para a turma do 6º ano foi também pensada nele. O assunto trabalhado para esta turma foi gêneros textuais com ênfase nos gêneros literários. A expectativa da primeira aula logo deu espaço a necessidade de acomodar a turma, bem numerosa, numa sala de aula pouquíssimo ventilada e um calor padecedor. Após quase 15 minutos procurando organizar a sala, assentar os

alunos e acalmar os ânimos a aula propriamente dita foi iniciada com a chamada de frequência.

O assunto da primeira aula foi cordel. Após a explanação do que era e como se caracterizava-se um cordel, foi lido o cordel: “O cuscuz no sertão” de Souza Filho, muitos alunos participaram da leitura. Em seguida a esse momento, foi distribuído uma atividade para que os alunos fizessem pelo menos uma estrofe de um cordel de algum alimento que gostassem de comer. Para o aluno com autismo foi desenvolvido uma atividade diferenciada, tendo como referência a atividade realizada pelo professor de História, foi proposto que ele desenhasse a sua comida preferida. Ele desenhou uma cuscuzeira com um ovo ao lado, e nos disse sorrindo que gostava de cuscuz com ovo. Ele participou da aula.

Imagem 1 Atividade sobre cordel



Fonte: Arquivo pessoal

Seu desenho revela a capacidade de demonstrar por um desenho toda sua compreensão, não só da sua comida preferida, mas onde ela é feita, os utensílios necessários para o cozimento e a comprovação oral quando disse: “acho muito gostoso”.

Essa primeira oportunidade foi muito satisfatória. Apesar de todas as dificuldades, ele interagiu na aula, até seus colegas ficaram admirados, principalmente no momento em que foi dada uma atenção especial para ele, no momento de explicar que sua atividade não era igual à dos outros, seus colegas relataram: “ele nunca faz nada”, “ele não sabe escrever” ...

A segunda aula na turma do 6º ano foi trabalhar o gênero literário conto. A expectativa era grande, dado a reação da primeira aula. Inicialmente foi lido o conto “O homem e a galinha” de Ruth Rocha, mas nesse dia ele mostrou-se indisposto a realizar a tarefa proposta que seria junto com uma colega (a colega que assentava-se sempre ao seu lado). O plano B, que sempre estava pronto, foi entregar-lhe uma

atividade para pintura, com as personagens do conto, essa atividade ele desenvolveu bem.

Nesta turma específica foram apenas 10 horas/aulas, o estudo foi bastante proveitoso e a interação do aluno com as atividades evoluíram, de modo que na última aula, que tratava sobre o gênero literário poema, ele participou ativamente. Os alunos foram apresentados a diversos poetas, entre eles: Clarisse Lispector, Machado de Assis, Carlos Drummond de Andrade e Fernando Pessoa. Murais com a foto dos poetas foram fixadas nos cantos da sala, e os poemas foram colocados dentro de bexigas que eram enchidas pelos alunos até estourar, eles liam o poema na frente da turma e depois colavam no mural correspondentes ao poeta.

Quando chegou a vez do aluno com autismo, balançou a cabeça negativamente. Então propomos que ele escolhesse a bexiga para um colega encher, ele escolheu me escolheu, após encher e explodir o balão, ele escolheu uma colega para ler, depois da leitura ele mesmo encarregou-se de colar no mural o poema.

Imagem 2 O sujeito da pesquisa fazendo a colagem no mural



Fonte: Arquivo pessoal

Essa foi a última aula no 6º ano, um misto de dever cumprido com o sentimento de que algo a mais poderia ser feito não apagou os efeitos positivos dessa experiência. É necessário ter consciência de que em 10 horas/aulas uma realidade de anos não pode ser mudada, mas foi uma oportunidade de rever conceitos e de muito significado, tanto para a turma, professora titular e professor estagiário, principalmente.

Os efeitos na vida dele foi poder interagir, pela primeira vez em sua turma, alguns colegas nunca tinham ouvido sua voz. Ele foi incluído nas aulas de Língua Portuguesa, pode aprender sobre gêneros literários importantes, dentro dos limites da sua compreensão. Acredito que com mais incentivo e inclusão ele pode aprender muito mais.

4 CONCLUSÃO

A verdade que todos podem aprender, é desafiante. Os obstáculos postos são desestimulantes, apesar das diversas conquistas, a inclusão de alunos com deficiência ainda está longe do ideal. No entanto, é possível fazer alguma coisa, mesmo com pouco recurso e/ou pouco tempo, o que for feito acenderá efeitos importantes na vida de quem necessita e de quem convive com pessoas com deficiência.

A literatura, além de um prazer, serve como um condutor a inserção social e não é justo que em uma turma de 38 alunos, um deles não tenha acesso ao mundo encantado que as letras literárias provocam em quem se debruça sobre elas. Mesmo sem saber ler, ainda, o aluno com o transtorno do espectro do autismo, pode apreciar o conto: “O homem e a galinha”, pode representar sua comida favorita a partir da leitura de um cordel e colar em um mural o poema de um grande nome da literatura mundial.

A reflexão que é necessário fazer ainda é: se um pouco mais pudesse ser feito, quanto mais poderia ser aprendido? Obviamente que muito mais, pois todos podem aprender. Substancialmente o aprendizado não foi só para ele, mas para todos os seus colegas e sua professora, pois esperamos que o comportamento seja redimensionado, de modo que contribua, para que cada vez mais, ele seja incluído nas atividades de sala de aula.

No início, o desafio era saber como ensinar uma criança com autismo, quais atividades elaborar, como adaptar essas atividades, como se comportar... entretanto, o desafio não era saber como fazer, mas como aprender. Aprendemos. E não foi uma aprendizagem completa, conclusa, foi uma aprendizagem estimulante, compreendendo que a Educação Especial não é específica só para um ramo do ensino, mas é de todos professores que buscam ensinar para que todos seus alunos aprendam.

REFERÊNCIAS

ASSUMPÇÃO JR. F. B. Transtornos Invasivos do Desenvolvimento Infantil. São Paulo: Lemos Ed; 1997.

CLANDININ, D. Jean. CONELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa**: experiências e história na pesquisa qualitativa. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.

FERRAROTTI, F. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, A; FINGER, M. **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: Ministério da Saúde, 1988, p. 17-34.

FREIRE, Paulo. Prática docente: primeira reflexão. In: **Pedagogia da Autonomia**. 45º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013. p. 23-46

JOSSO, M. C. **Experiências de vida e formação**. São Paulo, Cortez, 2004.

LEBOYER, M. Autismo infantil: fatos e modelos. 2. ed. São Paulo: Papyrus, 1995.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e docência: diferentes concepções. **Revista Poésis**, [s. n.], v. 3, n. 3, p. 5-24, 2005/2006.

TREVISAN, Cláudia. **DIFERENÇAS ESSENCIAIS**: Entrevista. 2003. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1210200313.htm>>. Acesso em: 02 ago. 2018.